

A INDÚSTRIA CERÂMICA EM SÃO PAULO E A “INVENÇÃO” DO FILTRO DE ÁGUA: UM ESTUDO SOBRE A CERÂMICA LAMPARELLI – JABOTICABAL (1920-1947)

Julio Cesar Bellingieri¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho é responder a duas perguntas: a) Quais as origens e o que determinou a instalação da indústria de cerâmica no Estado de São Paulo? b) Quando, onde e como surgiu o filtro de água, um produto tipicamente brasileiro e fabricado por empresas de cerâmica? Para responder à primeira pergunta, traçou-se um panorama geral do setor de cerâmica em São Paulo entre o final do século XIX e o início do XX; apesar de pouco estudada, a cerâmica foi uma das primeiras indústrias a instalar-se em São Paulo e foi economicamente relevante em boa parte dos municípios paulistas. Para responder à segunda pergunta, estudou-se o caso da “Cerâmica Lamparelli” (1920-1947); seu fundador criou uma técnica para produzir e acoplar velas filtrantes a recipientes de cerâmica, e lançou o filtro “São João”, que passou a ser comercializado em diversas regiões do Estado e contribuiu para transformar os hábitos de consumo de água potável da população. A partir dos anos 1930 e 1940, várias outras empresas produziam filtros, que se difundiram por todo o Estado e pelo País. Em Jaboticabal, as cerâmicas especializaram-se na produção desse produto, tornando a cidade a maior concentração de produtores de filtros do Brasil (hoje com cerca de 25 empresas).

Palavras-chave: industrialização de São Paulo - Jaboticabal - Cerâmica Lamparelli - filtro de água.

Introdução

O município de Jaboticabal² concentra o maior número de empresas de cerâmica produtoras de filtros de água, no Brasil. Apesar de esta não ser a principal atividade econômica do município (e sim a agroindústria da cana-de-açúcar), existem atualmente cerca de 25 cerâmicas, especializadas na produção de filtros de água, moringas e vasos de argila, os quais são comercializados em todo o País e no exterior.

Quando e como se originou a indústria cerâmica no Estado de São Paulo? Quando, onde e como surgiu e se difundiu o produto filtro de água? O que determinou a instalação das primeiras empresas de cerâmica em Jaboticabal e quais as causas que fizeram as empresas se especializarem na produção de filtros de água?

Para responder a essas perguntas, estudamos a história da “Cerâmica Lamparelli”, uma pequena empresa que funcionou entre os anos de 1920 e 1947, no município de Jaboticabal. Entre 1926 e 1928, Victor Lamparelli, fundador da empresa,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Economia, Área de concentração em História Econômica, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP- Araraquara/SP, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Alice Rosa Ribeiro; julio@asbyte.com.br.

² Jaboticabal está localizada na região Nordeste do Estado de São Paulo, a 60 km de Ribeirão Preto e a 356 km da cidade de São Paulo; possui 71.000 habitantes.

desenvolveu um novo processo para filtrar a água, criando velas filtrantes cilíndricas e acoplando-as a recipientes de cerâmica. Essa inovação levou o nome de filtro “São João” e, a partir daqueles anos, tornou-se o principal produto da empresa, que pôde conquistar novos mercados em diversas regiões do interior de São Paulo.

Mesmo não sendo produzido em grande escala e tendo um preço alto comparativamente às talhas cerâmicas simples (que não filtravam), a introdução desse novo produto contribuiu para mudar os hábitos de consumo de água da população paulista, que passou a dispor, dentro de sua própria residência, de água fresca e filtrada de forma mais higiênica.

Já a partir das décadas de 1920 e 1930, outras empresas, em Jaboticabal e em outros pontos do Estado, iniciaram a produção de filtros, contribuindo para a generalização do uso desse produto.

Estudar a evolução da “Cerâmica Lamparelli” significa compreender melhor as causas que fizeram Jaboticabal tornar-se uma aglomeração de empresas produtoras de filtros; e, mais do que isso, significa tanto entender o nascimento e a disseminação de um produto tradicional na economia, na sociedade e na cultura brasileira, como também entender um aspecto do próprio processo de industrialização do Estado de São Paulo.

Este trabalho está dividido em três partes, além das considerações finais. A primeira parte procura, de maneira sucinta, descrever o surgimento da cerâmica no mundo, bem como as origens das atividades e do uso da cerâmica no Brasil.

A segunda parte contextualiza a indústria de cerâmica no Estado de São Paulo, nos “primórdios” da industrialização. Procura-se, de modo breve, obter uma visão geral do setor de cerâmica entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nos diversos estudos existentes sobre as origens da indústria em São Paulo, a cerâmica raramente é tratada com atenção, embora seja uma das atividades industriais mais antigas e tenha sido relevante para a economia de boa parte dos municípios paulistas.

A terceira parte concentra-se no estudo da “Cerâmica Lamparelli”, no período 1920-1947; discute-se a origem do fundador e de seu capital, as matérias-primas utilizadas na empresa, os produtos comercializados, a mão-de-obra utilizada e, em especial, a questão da “invenção” de um novo produto (filtro de água) e sua relação com o aumento da urbanização e a expansão dos mercados consumidores paulistas na primeira metade do século XX.

1. A cerâmica no mundo e as origens da atividade e do uso da cerâmica no Brasil

A palavra cerâmica é derivada do grego *keramikos*, que significa “de argila”. O aparecimento dos primeiros utensílios cerâmicos ocorreu a partir do período Pré-Neolítico, nos anos 25000 a.C., quando se percebeu que o barro, quando deixado sob o sol escaldante, endurecia. Os primeiros objetos cerâmicos tinham a utilidade de armazenar água e alimentos, o que antes era feito usando-se cascas de árvores e crânios de pessoas ou animais. No entanto, pode-se dizer que a cerâmica feita de maneira mais sistemática veio no Neolítico, quando o homem passou a ser agricultor, pastor e ceramista (Resende, 1998).

Existem indícios de atividade cerâmica em quase todos os povos da Antiguidade. Os gregos, por muitos séculos, produziram as melhores peças de cerâmica do mundo Mediterrâneo, como, por exemplo, o céramo ou *keramos*, um vaso de barro cozido usado para servir à mesa. De acordo com Pito (2000), na Grécia, em Roma e em outras regiões, a produção de cerâmica era vendida nas feiras, e havia uma exportação contínua de ânforas fenícias para todo o Mediterrâneo, em virtude da sua forma artística e da sua utilidade para servir água, vinho e azeite.

De acordo com Amboni (1997), no Mediterrâneo, aproximadamente em 2000 a.C., foi inventado o torno, uma roda de madeira movida por um pedal que, fazendo girar um pedaço de argila colocado sobre ela, permite ao ceramista moldar o objeto desejado, geralmente em formato cilíndrico ou redondo.

No Brasil, há cerca de 2000 anos, já havia, em diversas regiões, populações que manipulavam convenientemente a argila. A cerâmica mais sofisticada foi desenterrada na Ilha de Marajó (Pará), onde os indígenas desenvolveram o estilo marajoara, produzindo peças altamente elaboradas e especializadas (Amboni, 1997). Segundo Pallestrini (1983), no próprio Estado de São Paulo, existem vários sítios arqueológicos de cerâmica; um deles, datado de 1550 anos atrás, está localizado no município de Mogi Guaçu; lá, foram encontrados diversos objetos de cerâmica, como vasilhas ovaladas, travessas, potinhos redondos, vasos e urnas funerárias.

De acordo com Hemming (1998), os índios brasileiros faziam sua cerâmica modelando e, às vezes, usando moldes ou enrolando, mas nunca numa roda; desconheciam, portanto, o torno. Além disso, não queimavam a argila em fornos, mas sim no chão, com lenha, razão pela qual os artefatos recolhidos em sítios arqueológicos possuem coloração escura, o que revela que foram “mal cozidos”.

Os artefatos produzidos pelos indígenas brasileiros eram em geral destinados à ornamentação e ao acondicionamento e transporte de líquidos e alimentos. Foram os

colonizadores portugueses que trouxeram as técnicas para produzir cerâmica utilitária, como telhas e tijolos. Segundo Resende (1998), há registros de que, por volta de 1575, São Paulo, vila simplória coberta de sapé, devia usar telhas. “Um oleiro propôs à Câmara fornecer as telhas para cobrir as casas alegando a possibilidade de incêndio” (Resende, 1998, p. 39).

A literatura de História econômica brasileira registra a produção e o uso de objetos de cerâmica desde o Brasil colônia. Prado Júnior, por exemplo, descreve atividades ceramistas em várias regiões do Brasil colonial:

A cerâmica é largamente disseminada. É uma arte que os índios conheciam, e embora perdessem com o contacto dos brancos, em muitos casos, a sua habilidade e espontaneidade nativas, foram nela empregados em grande escala pela colonização. Assim nas antigas aldeias de índios do litoral sul da Bahia, comarca de Ilhéus e capitania de Porto Seguro, (...) é a cerâmica a principal ocupação local, e os objetos aí produzidos forneciam a Bahia e Pernambuco, sobretudo o sertão. Em Olivença, quase toda a população dedicava-se a isto, e a exportação sobe a mais de 1.000 cruzados por ano, valor considerável para estes índios e mestiços miseráveis. A ilha de Santa Catarina também produz uma cerâmica afamada, particularmente moringas, que se exportam para toda a colônia (...). Há que se lembrar aqui também a grande manufatura dos carmelitas do Maranhão, na sua fazenda do Carmo ou Olaria, no rio Itapicuru, onde trabalhavam 90 escravos produzindo, além de telhas e ladrilhos, panelas e louça. (Prado Júnior, 1996, p. 223).

Conceitualmente, pode-se definir a cerâmica como qualquer material inorgânico, não-metálico, obtido geralmente após tratamento térmico em temperaturas elevadas. São várias as matérias-primas das quais se podem produzir artigos cerâmicos. A principal delas é a argila, definida como um material natural, terroso e fino que, ao ser misturado com água, adquire certa plasticidade, tornando-se fácil de ser moldado. Depois de moldado, o objeto é seco e, em seguida, cozido em alta temperatura, de onde resulta o produto acabado. Em função de sua composição mineralógica, as argilas recebem diferentes designações: caulins, bentonitas, argilas refratárias, etc. (Anuário Brasileiro de Cerâmica, 2002, p. 26-29).

Hoje, a indústria de cerâmica engloba vários subsetores, com características bem individualizadas e com níveis de avanço tecnológico distintos. De maneira geral, os subsetores da cerâmica são: a) cerâmica vermelha (ou estrutural), formada em geral pelas olarias e fábricas de louças de barro; compreende os produtos que apresentam cor vermelha após a queima: tijolos, telhas, manilhas, filtros, talhas, potes, moringas, vasos; b) cerâmica branca, compreendendo os produtos fabricados com base em massas de argilas cauliníticas, quartzo e fundente, e que apresentam cor clara após a queima. Por ser muito diversificado, este subsetor é subdividido em: - louça sanitária (algumas

classificações consideram-na um subsetor à parte); - louça de mesa (porcelana, faiança); - isoladores elétricos; - cerâmica técnica; - cerâmica artística; c) cerâmica de revestimento, formada por empresas de pisos, azulejos, pastilhas, etc.; d) materiais refratários; e) isolantes térmicos; f) fritas e corantes; g) abrasivos; h) vidro, cimento e cal; i) cerâmica de alta tecnologia.

No Brasil, os filtros de água em geral enquadram-se no subsetor de cerâmica vermelha, como é o caso das empresas de Jaboticabal.

2. As origens da indústria cerâmica no Estado de São Paulo

A origem da cerâmica como atividade industrial em São Paulo deu-se entre fins do século XIX e início do século XX, e está relacionada à expansão do mercado interno e ao aumento da imigração e urbanização, os quais foram determinados pela dinâmica da economia cafeeira.

A literatura sobre as origens da indústria no Brasil, especificamente em São Paulo, é muito vasta. Apesar das diferentes vertentes que tratam desse assunto³, pode-se dizer que há um certo consenso de que a renda gerada pela atividade do café propiciou o crescimento e o desenvolvimento da indústria em São Paulo.

O “complexo cafeeiro”, conceito utilizado por Cano (1977), certamente produziu um excedente econômico que permitiu a constituição de uma infra-estrutura de energia e transportes essencial para a industrialização, o estabelecimento de um sistema bancário e o surgimento de um mercado interno para a indústria.

Embora a cidade de São Paulo tenha se definido, já em torno de 1890, como centro dominante do Estado em termos industriais, comerciais, financeiros e administrativos⁴, isto não significou que o interior de São Paulo não tivesse desenvolvido atividades ligadas ao comércio e indústria. São inúmeros os estudos que mostram um certo crescimento industrial em municípios paulistas, a partir do final do século XIX e início do XX, crescimento gerado pela expansão do café, que levou ao interior as ferrovias e a imigração. De acordo com Negri, “... o considerável aumento populacional e do emprego rural e urbano, numa economia em expansão, criava substancial demanda por alimentos e matérias-primas para a produção industrial de alguns bens de consumo” (Negri, 1996, p. 35).

Ainda segundo Negri,

“... além da dinâmica transformadora que o café exercia sobre a urbanização do interior, alguns outros aspectos ajudam a entender

³ Ver Suzigan, 2000.

⁴ Segundo Mello & Saes, 1985.

por que a indústria em São Paulo já nasce com forte penetração no interior: a de bens de consumo leve estava se diversificando e não possuía razões locais rígidas, a de beneficiamento tinha que acompanhar a penetração espacial das culturas pelo interior; a de madeira, a de papel e papelão e a de minerais não-metálicos, (...) tinham que se instalar junto às fontes fornecedoras de suas matérias-primas” (Negri, 1996, p. 45).

As olarias representaram o marco inicial da indústria de cerâmica em São Paulo. Apesar de os dados quantitativos para o período estarem dispersos, pode-se afirmar que as olarias se faziam presentes em quase todas as cidades e núcleos urbanos do Estado, já desde as últimas décadas do século XIX.⁵ Produziam, por processos manuais, e em pequenos estabelecimentos, tijolos, telhas, tubos, manilhas, vasos, potes e maringas, os quais eram comercializados localmente.

A primeira grande fábrica de produtos cerâmicos do Brasil foi fundada em São Paulo, em 1893, por quatro irmãos franceses, naturais de Marselha, com o nome de “Estabelecimentos Sacoman Frères”, posteriormente alterado para “Cerâmica Sacoman S.A.”, a qual encerrou suas atividades em 1956. O nome das telhas conhecidas por “francesas” ou “marselhesas” é devido à origem destes empresários (Anuário Brasileiro de Cerâmica, 1979, p. 53).

Durante os últimos anos do século XIX e início do XX, as empresas cerâmicas passaram a especializar-se em determinados tipos de produtos, o que gerou uma paulatina separação na classificação das empresas entre olarias e “cerâmicas”. Assim, as olarias seriam as unidades produtoras de tijolos e telhas, e as cerâmicas produziriam produtos mais “sofisticados”, como manilhas, tubos, azulejos, louças, potes, talhas, etc. No Almanak da Província de São Paulo para 1873, por exemplo, não existem referências a “cerâmicas”, apenas a olarias. Já no Almanach para 1891, há referências a olarias e também a empresas de cerâmica.

Quais as causas do grande número de olarias e cerâmicas no Estado de São Paulo, já desde o final do século XIX? Em outras palavras, quais os fatores determinantes do surgimento e desenvolvimento dessa indústria?

Em primeiro lugar, o aumento da população, da urbanização e do mercado interno, através da economia cafeeira, criou grande demanda pelos produtos cerâmicos: por exemplo, utensílios de barro de uso doméstico, telhas e tijolos para construção de moradias e de infra-estrutura urbana, tubos e manilhas para sistemas de esgoto, etc. Em

⁵ O Almanak da Província de São Paulo para 1873, que mostra as atividades econômicas dos municípios paulistas, justifica essa afirmação. Dentre as cidades com mais olarias, destacam-se: Capital, com 10 olarias; Campinas, com 13; Itu, com 6, e Araraquara, com 5.

segundo lugar, a disponibilidade da matéria-prima básica, a argila. Talvez não existisse outra indústria no Brasil que tenha se aproveitado tanto da oferta de matéria-prima local quanto a cerâmica. Não se dependia de importações e havia abundância de argila em diversas regiões do Estado. A localização das empresas estava diretamente relacionada à proximidade da fonte de matéria-prima; as cerâmicas da Capital, por exemplo, estavam quase todas instaladas nas áreas de várzea do Rio Tietê, nos bairros da Água Branca e da Barra Funda. E, em terceiro lugar, a inexistência de barreiras à entrada. Ao contrário de algumas outras indústrias, as olarias e cerâmicas não requeriam muito capital; muitas descrições de olarias no começo do século XX mencionam como equipamentos apenas um torno manual e um forno (à lenha).

Embora as olarias e fábricas de louças de barro (cerâmica vermelha) já existissem em São Paulo desde o século XIX, a cerâmica branca, produtora de louças de mesa e porcelanas, teve um surgimento posterior, somente a partir dos anos 1910.

A primeira empresa de louça branca do Brasil foi a “S.A. Fábrica de Louças Santa Catharina”, fundada em 1913 pelo italiano Romeo Ranzini (que veio ao Brasil com 4 anos), no bairro da Água Branca, na Capital⁶. Nos anos seguintes, muitos técnicos e operários especializados, vindos da Itália para atuar na fábrica, acabaram fundando outras empresas de louça branca na região próxima à Capital (Azevedo, 1964). Assim, em 1928, já havia no Estado 9 empresas de louça (5 na Capital) e, em 1937, havia 18 delas (9 na Capital), que produziam aparelhos de jantar, pratos, travessas, xícaras, pires, tigelas, sopeiras e canecas.

Os fatores determinantes da instalação dessas empresas podem em geral ser considerados os mesmos da instalação das empresas de cerâmica vermelha, quais sejam, a disponibilidade de matéria-prima (no caso da cerâmica branca: caulim, argila, feldspato e quartzo, com jazidas abundantes próximas à Capital) e a grande expansão do mercado consumidor paulista no período.

Entretanto, uma particularidade diferenciava o subsetor da cerâmica branca do da cerâmica vermelha: a louça branca nacional sofria uma grande concorrência de produtos importados. Não que não existissem importações de produtos de olarias e louças de barro; esta era uma preocupação constante das empresas. Por exemplo, em 1922, uma propaganda da “Cerâmica de Poá”, grande produtora de tubos para esgotos, assim dizia:

⁶ No entanto, Ranzini não foi o primeiro ceramista a produzir louça branca no Brasil. Brancante (1970) estudou o caso de João Manso Pereira que, nascido em MG, mas vivendo no RJ, descobriu na Ilha do Governador um tipo de argila branca e, entre 1790 e 1797, produziu diversas peças de louça e porcelana, tornando-se “célebre” entre a população da capital da Colônia e junto à Corte portuguesa.

Os continuos melhoramentos por que está passando São Paulo e que dia a dia a engrandecem, o serviço de saneamento e de hygiene que temos, modelar e aperfeiçoado, aconselhavam uma industria que fabricasse artigos nacionaes que por qualidade e por preço pudessem rivalisar com os congeneres estrangeiros (Lapri, 1922).

Mas, o fato era que as louças e porcelanas estrangeiras tinham uma grande aceitação no Brasil; vinham da Europa, sobretudo da Inglaterra, importadas por firmas especializadas⁷.

Durante a I Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, com a drástica redução das importações, as empresas nacionais de louça, lideradas pela “Santa Catharina”, tiveram um impulso decisivo, ganhando mercado e abastecendo a demanda nacional. Mas, a partir de 1918, com o fim da Guerra, voltaram as importações em massa de louça inglesa, de qualidade superior, mais diversificada e mais barata (mesmo com a moeda nacional desvalorizada). Essa concorrência, segundo Azevedo (1964), limitou por vários anos a expansão e o desenvolvimento da indústria de louça nacional⁸.

Uma questão a tratar-se diz respeito aos primeiros empresários da cerâmica em São Paulo e a origem de seus capitais. Analisando-se almanaques e estatísticas industriais, pode-se afirmar que a grande maioria das empresas de cerâmica (vermelha ou branca) no Estado de São Paulo foi fundada por imigrantes ou descendentes de imigrantes italianos e portugueses, os quais, certamente, já deveriam conhecer as técnicas de produção, uma vez que estes países possuíam uma indústria ceramista desenvolvida na época. Por exemplo, o Almanach do Estado de São Paulo para 1891, constata a existência de 61 olarias e cerâmicas na Capital; dos 56 nomes de proprietários constantes, 32 são italianos e pelo menos 12 são portugueses.

Em relação à origem dos capitais que financiaram a instalação das empresas cerâmicas paulistas, apesar de claramente esses investimentos não terem sido feitos por cafeicultores brasileiros, deve-se aceitar que a origem dos recursos estava ligada à economia cafeeira. Os almanaques da época narravam a história de muitos empresários que, em geral, iniciavam suas atividades no Brasil abrindo pequenas olarias e cerâmicas, com capital escasso, em alguns casos depois de acumularem alguns recursos trabalhando na lavoura de café. Na fundação da “Santa Catharina”, dos quatro sócios comanditários que entraram com os recursos financeiros, três tinham vínculos com

⁷ Segundo Brancante (1970), através da análise de inventários de paulistas, pôde-se constatar a presença de louças e porcelanas no Brasil, já desde o século XVI. Eram chamadas de “loiça da Índia”, mas eram produzidas na China e importadas ao Brasil via Portugal.

⁸ Azevedo (1964) narra um encontro de empresários da louça com Arthur Bernardes, em 1925. O Presidente da República teria se negado a aumentar as tarifas de importação de louças, argumentando que “não queria enriquecer os industriais de São Paulo à custa da miséria de todos os brasileiros”.

fazendeiros de café. Mesmo os empresários que acumularam recursos fora da atividade do café (como artesãos ou comerciantes, por exemplo), não se pode negar que só puderam fazê-lo em virtude da expansão do mercado interno gerada pela renda do café.

Assim, a indústria de cerâmica paulista pode ser enquadrada no argumento geral de Suzigan, de que a maior parte do capital investido na indústria de transformação no Brasil até a I Guerra Mundial proveio de fontes direta ou indiretamente ligadas à economia de exportação (Suzigan, 2000: 128).

A seguir, é apresentado um quadro da evolução da indústria cerâmica em São Paulo, entre 1928 e 1937, para o qual foram utilizados dados da Estatística Industrial do Estado de São Paulo.

Tabela 1 - Indústria de cerâmica* - Estado de São Paulo (1928-1937)

	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937
Fábricas	140	289	352	409	414	582	1.014	840	968	1.157
% do total	2	3,3	6,5	7	6,8	8,9	11,8	10,7	11,2	12,8
Operários	4.438	5.559	4.759	4.464	5.318	6.766	9.669	9.558	11.029	12.225
% do total	3	4	4	3	3,5	3,9	4,7	4,5	4,7	5
Produção:	1,3	1,7	1,5	1	1,25	1,6	1,75	1,7	2,1	2
% do total										

* Considerou-se, na indústria cerâmica, as empresas produtoras de louça e porcelana, louças de barro, ladrilhos e as olarias.

Fonte: Elaboração própria, com base na Estatística Industrial do Estado de São Paulo.

Nesse período, a cerâmica constituía um dos setores com o maior número de fábricas e de operários da indústria paulista; em 1937, por exemplo, era o setor com o maior número de empresas e o terceiro maior empregador, atrás do têxtil (89.358) e do de madeira (15.401).

No entanto, o valor da produção de cerâmica era pouco relevante para a economia estadual; representava algo em torno de 1,5% a 2% do total. Como comparação da posição relativa da cerâmica na geração de valor, pode-se citar o setor de “cigarros, charutos e fumos”, o qual tinha exatamente a mesma relevância que a cerâmica no período.

Cabe ressaltar que, das 1.157 empresas constantes em 1937, havia 840 olarias de telhas e tijolos, 153 fábricas de ladrilhos e mosaicos, 146 fábricas de louças de barro (talhas, potes, moringas, filtros e vasos) e 18 fábricas de louça branca e porcelana.

As empresas de louça branca tinham o maior número de operários (entre 1932 e 1937, cerca de 184 operários por empresa), eram as de maior produtividade e as que geravam o maior valor dentro do setor cerâmico (51% em 1935). Já as olarias tinham

um baixo número de empregados por empresa (em 1937, perto de 5) e uma produtividade cerca de 3,6 vezes menor do que a de louça branca.

Já em relação à indústria paulista como um todo, a indústria cerâmica tinha baixa produtividade; entre 1928 e 1937, era em média duas vezes e meia menos produtiva.

3. A indústria cerâmica em Jaboticabal, a Cerâmica Lamparelli e a invenção e difusão do filtro de água

3.1 O município de Jaboticabal: fundação, evolução econômica e as primeiras atividades ceramistas

Jaboticabal foi fundada em 1828 e, por várias décadas, constituiu-se apenas numa aglomeração de famílias, na sua maioria vindas de Minas Gerais, que iam instalando-se, sem preocupações urbanas. Em 1854, a área correspondente a Jaboticabal possuía 2.885 habitantes e, em 1874, 5.259 (Milliet, 1938).

Foi a partir do último quartel do século XIX que a região de Jaboticabal “ingressou” no quadro da expansão cafeeira para o Oeste paulista (Milliet, 1938). Tanto a chegada da ferrovia ao município, em 1893, quanto o grande número de imigrantes que se instalavam, deram um grande impulso à atividade econômica do café, ao crescimento da população e ao desenvolvimento urbano do município, com o florescimento de atividades de indústria e comércio.

Entre os primeiros anos do século XX até 1930, Jaboticabal teve o seu maior surto de crescimento. Nesse período, passou a ser um dos mais importantes municípios cafeeiros do Estado. Em 1920, era o vigésimo do Estado em produção de café (em arrobas), de acordo com Milliet. A população, em 1922, passou a ser a nona maior do Estado, com 51.941 habitantes, sendo 19.452 na cidade de Jaboticabal⁹.

A atividade industrial também deu um grande salto, destacando-se, em 1922, a existência de fábricas de cerca de 40 tipos de produtos diversos, incluindo 46 de açúcar, 4 de macarrão, 14 de moagem de cereais, 10 de cerveja, 23 serrarias, 8 de sabão, 2 de licores e uma fundição (Lapri, 1922).

De acordo com a Estatística Industrial do Estado de São Paulo para 1933, Jaboticabal era o décimo município paulista em número de fábricas (com 70), o 18º em capital invertido e o 31º em valor de produção.

⁹ Censo Geral da República, 1922. O município era composto pelos Distritos de Córrego Rico, Taiúva, Taiapu, Pirangi e Urupi.

Jaboticabal, desde os primórdios de sua evolução, sempre apresentou atividades relacionadas à cerâmica. A localização geográfica do município certamente foi fator fundamental para isso, uma vez que ele está a 13 quilômetros da margem esquerda do Rio Mogi Guaçu, dotado de uma abundante jazida de argila, além de existirem diversos córregos ao redor da cidade (Rico, Mico, Tijuco, Cerradinho, etc.), os quais também eram utilizados para obtenção desta matéria-prima.

A primeira referência à atividade cerâmica encontra-se numa descrição do núcleo urbano de Jaboticabal, em 1869: “... não há edifício público, não há conventos, não há fábrica. Só há um pequeno ponto de telhas e tijolos” (Almeida, 1997, p. 27). Já a primeira referência nominal a proprietário de olaria encontra-se em 1879, numa relação de 160 nomes de cidadãos aptos a servirem como juízes de paz; entre a maioria de lavradores e comerciantes, há um oleiro, Mizael do Amaral Campos, 39 anos, casado (Almeida, 1997). O Almanach da Província de S. Paulo para 1887, citado por Almeida (1997), descreve duas olarias em Jaboticabal, de propriedade de Barnabé Antonio Soares Fagundes e de Pedro Chiquet. No Almanach para 1891, já são quatro olarias e, no “Completo Almanak” para 1895, são 17 olarias.

Os livros de impostos sobre indústrias e profissões de Jaboticabal confirmam, desde 1901, a existência de inúmeras olarias na cidade. No entanto, o primeiro estabelecimento classificado como “fábrica de louças de barro” surgiu apenas em 1913, de propriedade dos “Irmãos Valdambrini”. Provavelmente, esta empresa tenha se especializado não na produção de tijolos e telhas, mas, sim, de potes, vasos e moringas.

Em 1922, Lapri (1922) aponta a existência de 41 fábricas de ladrilhos/tubos/telhas, uma de mosaicos e uma cerâmica no município, embora Piza (1924) indique para 1924 a existência de (apenas) 14 olarias, uma fábrica de ladrilhos/tubos/telhas, uma de mosaicos e uma cerâmica. Em 1931, segundo o Relatório do Exercício Financeiro da Prefeitura de Jaboticabal, havia 12 olarias e 3 fábricas de louças de barro.

3.2 A Cerâmica Lamparelli e a “invenção” do filtro de água

Victor Lamparelli nasceu em 12 de janeiro de 1897, na cidade de Acquaviva delle Fonti, província de Bari, Itália. O pai dele, Savério, junto com outros dois irmãos (Francisco e Cármino), possuía uma cerâmica, localizada entre as cidades de Acquaviva delle Fonti e Potignano, a qual abastecia uma grande região, produzindo e comercializando tijolos furados, telhas, manilhas, vasos, talhas, bilhas (moringas), caçarolas e potes de barro.

Em 1902, o irmão mais novo deles, Francisco, veio com sua esposa para o Brasil, atraído pela possibilidade de trabalhar na atividade cafeeira. Estabeleceram-se em São Bento do Sapucaí-SP, numa fazenda de café. Não tendo conseguido adaptar-se ao tipo de trabalho, eles então se deslocaram para a cidade de Tambaú-SP, onde Francisco começou a trabalhar em uma empresa cerâmica.

No mesmo ano, Francisco convenceu seus outros dois irmãos a virem, com suas famílias, ao Brasil; assim, Victor chegou ao Brasil com seis anos de idade, acompanhado de seus pais. Em 1903, os três irmãos instalaram a “Cerâmica Lamparelli” na cidade de Casa Branca-SP, a qual produzia potes, talhas e moringas.

Por volta de 1914, atraído pela abundância e boa qualidade da argila, Savério resolveu transferir-se para a cidade de Itobi, junto com seu filho Victor, onde instalou outra cerâmica, especializada em produzir peças cilíndricas¹⁰. Victor auxiliava o pai nas atividades da empresa.

Em 1919, com 22 anos, Victor casou-se e resolveu mudar-se para Jaboticabal, pois tinha interesse em abrir sua própria cerâmica, e tinha a informação (incorreta) de que, no Córrego do Tijuco, próximo à cidade, havia uma jazida de “barro branco”.

Sem recursos financeiros, Victor conseguiu emprego na “Companhia Cerâmica Moderna”, de Lourenço Zaccaro. Esta empresa possuía duas seções: uma que fabricava potes, talhas, moringas, garrafões e vasos; e outra que produzia manilhas, telhas e tijolos furados e comuns. Como conhecia bem os processos e técnicas ceramistas, Victor logo se tornou o principal funcionário da empresa.

Em 1920, o proprietário da empresa, que também era farmacêutico, resolveu abandonar as atividades ceramistas, e a “Cerâmica Moderna” foi oferecida a Victor. Este então se aproveitou do estoque e de alguns equipamentos (tornos e peças) e deu prosseguimento às atividades da empresa, agora sob sua propriedade. De acordo com entrevistas, Victor certamente não tinha recursos para comprar esses materiais, deduzindo-se que Lourenço Zaccaro ofereceu-os por retribuição aos “serviços prestados” ou pelo pagamento de alguma coisa.

Dessa forma, Victor iniciou as atividades da chamada “Cerâmica Lamparelli”, utilizando-se de sua própria capacidade de trabalho e a de sua esposa (que pintava moringas, talhas e vasos), além de ter mantido dois funcionários portugueses oriundos da extinta “Cerâmica Moderna”.

¹⁰ A produção era artesanal, feita em tornos movidos pelos pés, e a argila era amassada com os próprios pés, dentro de barris.

O contexto econômico em que Victor assumiu a empresa era absolutamente favorável, uma vez que tanto a população quanto a renda da cidade e região cresciam, impulsionadas pela atividade cafeeira; certamente haveria demanda crescente pelos bens de consumo relativamente baratos e de uso generalizado, produzidos pela “Cerâmica Lamparelli”.

A matéria-prima, argila, era retirada da margem do Rio Mogi Guaçu, do Córrego do Tijuco e, em menor escala, do Córrego Cerradinho, próximos à zona urbana da cidade.

O novo empresário continuou a fabricar os mesmos produtos, mas aos poucos foi introduzindo outros. No mesmo ano de 1920, iniciou a produção e comercialização daquilo a que chamou de “filtro reto”: uma talha de barro composta por duas partes, sendo que, entre elas, se colocava um “disco” poroso, feito de uma mistura de barro, carvão e outros componentes, que tinha a função de filtrar a água. Esse “disco” era colado entre as partes da talha com uma mistura de breu e cera, para que a água não vazasse. Na parte de baixo do filtro era colocada uma torneira de chumbo, para extrair-se a água¹¹.

Ainda que com base em escassos dados e fontes (consultas a almanaques da época, propagandas de empresas e entrevistas), pode-se supor que, em 1920, este produto já era fabricado por algumas (poucas) cerâmicas no Estado de São Paulo. Assim, provavelmente, Victor já deveria conhecer, através de seus pais e tios, a técnica para produzir essa utilidade.

Em 1924, Victor criou e patenteou a chamada “moringa da lavoura”, uma espécie de garrafão de barro “empalhado” com bambu e vime (para reduzir as chances de quebra), que era usado para acondicionar e transportar água fresca, utilizado pelos trabalhadores nos campos de café.

Em 1922, Victor mudou-se para o centro da cidade e instalou um depósito, na sua própria residência. No mesmo ano, comprou um brejo próximo à estação ferroviária e iniciou a construção de dois barracões, que seriam as novas instalações da cerâmica.

Assim, em 1924, ele inaugurou o novo local de sua empresa, dotado de fornos novos para queimar a louça e marombas com motor elétrico. A eletricidade alterou o processo de preparação da argila, pois esta não precisaria mais ser amassada com os pés, propiciando um grande aumento da produção e ganho de produtividade à empresa. Victor também adquiriu um torno elétrico, que não chegou a ser usado, pois os funcionários preferiram continuar trabalhando com tornos movidos com os pés. Em

1926, o empresário terminou de construir um sobrado ao lado da empresa e mudou-se para lá.

Em 1928, a “Cerâmica Lamparelli” possuía uma gama de produtos bastante diversificada (todos feitos de argila): manilhas, diversos tipos de vasos, jardineiras, bebedouros para aves, pratos, tigelas, travessas, bacias, panelas, caçarolas, jarras, bules, canecas, garrações, moringas, potes, vasos sanitários, sifões, colunas, além de três tipos de talhas, denominadas “Santa Terezinha”, “Paulista” e “Fiel”¹².

No entanto, o produto responsável pelo maior crescimento da empresa, e que a tornaria conhecida em várias regiões do Estado, foi o filtro “São João”, uma utilidade que representou um grande avanço na purificação doméstica da água.

Até as primeiras décadas do século XX, a obtenção de água potável na maioria das cidades do interior de São Paulo poderia ser feita através da ida a um rio, córrego ou então a abertura de um poço no quintal da residência. Mas o processo de crescimento das cidades e a crescente urbanização de muitos municípios dificultavam cada vez mais essa prática. O surgimento de redes públicas de abastecimento de água, em muitas cidades, já a partir dos primeiros anos do século XX, apesar de ter melhorado o modo de vida das populações, em princípio, não contribuiu para alterações no modo de obter-se água potável, pois o tratamento da água à época era insuficiente para beber-se a água diretamente da torneira.

Entre as práticas e costumes para obter-se água potável, estavam ferver a água ou deixá-la “descansando” em recipientes ou talhas de argila, para que as impurezas se depositassem no fundo e assim se retirasse água “limpa” por cima, com uma cuia ou concha.

Já existiam equipamentos domésticos que tentavam purificar a água. Além do “filtro reto”, existiu o chamado “filtro fiel”, uma espécie de “pedra filtrante”, mecanismo composto de uma armação de ferro de 1,2 metro, apoiando uma pedra porosa de 10 cm de espessura e de cerca de 30 quilos, em formato de cuba, que tinha a função de filtrar a água. Jogava-se água por sobre a pedra que, depois de ser absorvida por esta, pingava, “filtrada”, dentro de um recipiente de argila, localizado na parte de baixo da armação (ver figura 1)¹³. De acordo com a investigação realizada, esse “filtro de pedra” era francês e chegava ao Brasil através de um importador do Rio de Janeiro, de nome “Eduardo L. da Silva Ribeiro”; foi utilizado durante as primeiras décadas do

¹¹ Informações obtidas em entrevista com Victor Lamparelli Júnior, em 09-01-2003.

¹² A empresa consta pela primeira vez na Estatística Industrial do Estado de São Paulo no ano de 1929, sob a denominação “Victor Lamparelli”, como produtora de manilhas para esgotos.

século XX em algumas residências de municípios paulistas e de outros Estados. No entanto, a despeito da carência de fontes que possam comprovar, tanto o “filtro fiel” como o “filtro reto” não tinham uso generalizado.

Assim, depois de algum tempo de estudo e algumas experiências, Victor conseguiu desenvolver uma vela capaz de filtrar a água com muito mais eficiência do que o processo do “filtro reto”: a vela tratava-se de um cilindro fechado, composto de uma mistura de caulim, carvão e outras substâncias, parafusada com duas arruelas de borracha a uma chapa de ferro cromada, a qual, por sua vez, era pregada com cimento entre as duas partes do filtro. A vela poderia ser desparafusada da chapa, para limpezas regulares. O filtro levava uma torneira de metal cromado (a do “filtro reto” era de chumbo), pregada com breu e cera. Posteriormente, ela passou a ser parafusada com duas arruelas de borracha. O logotipo do filtro, com a inscrição “São João”, era moldado numa fôrma de gesso e depois pregado na metade de cima do filtro. O produto tinha quatro tamanhos diferentes, identificados por números. O filtro número 4, o maior, tinha 72 centímetros de altura e capacidade para cerca de 10 litros de água. Colocava-se a água a ser filtrada por uma abertura, na parte superior do filtro; a água então passava pela vela, pingando lentamente, já filtrada, para a parte de baixo (ver figura 2).

Não se pôde apurar a data precisa em que esse produto foi “lançado” no mercado; mas, a partir de entrevistas e de propagandas encontradas em jornais da cidade, pode-se estimar que o filtro “São João” surgiu entre 1926 e 1928.

O processo de produção do filtro era essencialmente artesanal: o ceramista colocava um pedaço de argila limpa e tratada sobre um torno, e moldava com as mãos o formato do filtro. Em seguida, depois de seco, este era levado para um forno (à lenha), onde seria queimado a uma temperatura aproximada de 1000°C. Depois disso, o filtro era pintado, colocavam-se as velas e fixava-se a torneira.

As primeiras referências oficiais a respeito de fabricação de “filtros” encontram-se na “Estatística Industrial do Estado de São Paulo” para 1928, onde são citadas duas empresas da Capital do Estado que produziam talhas,oringas, vasos e filtros. São elas a “Cerâmica Paulista” (de F. Ferreira & Cia)¹⁴, com 50 operários, e a Cerâmica “Bom

¹³ Como o recipiente de argila (talha) do “filtro fiel” se quebrava facilmente, diversas cerâmicas no Brasil, inclusive a “Lamparelli”, fabricavam a “talha fiel”, para repor as inutilizadas.

¹⁴ Essa empresa, instalada na Água Branca, foi fundada em 1893, pelo português Joaquim Ferreira e já produzia filtros pelo menos desde 1922, de acordo com publicidade em Lapri, 1922. Surge daí a questão da possível existência de filtros de água em Portugal, cuja técnica de produção poderia ter sido trazida ao Brasil por imigrantes. Mediante consulta (em 14-02-2003), a Associação Portuguesa de Indústria Cerâmica informou que filtros de água eram produzidos e utilizados em Portugal, mas não se conhecem as empresas e os períodos em que eram produzidos.

Retiro” (de Botelho & Oliveira), com 17 operários. Entretanto, não se pôde precisar que tipo de filtro era esse, se o chamado “filtro reto” ou já o com velas filtrantes.

Figura 1: O "filtro Fiel", de pedra.



Figura 2: Um filtro “São João” dos anos 1940.



Em relação às velas filtrantes, a primeira referência oficial à sua fabricação apareceu na Estatística Industrial para 1929; eram produzidas pela empresa “Octavio Teixeira Mendes”, em Piracicaba-SP, com 10 operários.

Por tudo isso, torna-se difícil e arriscado julgar quais teriam sido as primeiras empresas em São Paulo a produzir e comercializar filtros acoplados com velas. As informações de almanaques e publicações da época são irregulares e esparsas; as estatísticas industriais, conforme os próprios organizadores advertiam, não eram coletadas de modo rigoroso: certamente, muitas empresas ficavam de fora e outras fabricavam produtos que não eram citados, como a própria “Cerâmica Lamparelli”, a qual constava como fabricante de (apenas) manilhas para esgotos. O que pode ser afirmado com segurança é que algumas empresas já produziam filtros com velas no estado de São Paulo, desde os anos 1920.

O período que vai de aproximadamente 1926 até o início dos anos 1940, foi o de maior expansão da “Cerâmica Lamparelli”. Com a aquisição de dois caminhões, em 1925 e em 1927, as entregas dos produtos tornaram-se mais rápidas e confiáveis. Até então, as entregas para outros municípios eram feitas por via ferroviária (Companhia Paulista de Estradas de Ferro), o que limitava o mercado às cidades atendidas pela ferrovia e gerava altos custos em virtude de boa parte da produção quebrar durante a viagem de trem.

Com os caminhões, a empresa pôde buscar novos mercados em vários municípios da região. Por exemplo, fornecia toda a sua produção de manilhas para o Frigorífico Anglo, na cidade de Barretos-SP.

Em pouco tempo, o filtro “São João” tornou-se o produto mais conhecido da empresa. As suas características de livrar a água de impurezas e ainda mantê-la fresca foram fatores decisivos para estimular decisões de compra por parte dos consumidores das cidades crescentemente urbanizadas do interior paulista. Ele, de fato, não livrava a água de bactérias e vibriões, mas certamente continha o processo de filtragem, para uso doméstico, mais eficaz e higiênico elaborado até então¹⁵.

O filtro obteve grande aceitação e seu uso difundiu-se em todos os municípios atendidos pela “Cerâmica Lamparelli”. Os maiores mercados da empresa constituíam o chamado “sertão de Rio Preto”, Catanduva, Taquaritinga, Monte Alto, Guariba, Matão, Araraquara, Casa Branca, Avaré, Ribeirão Preto (todos em São Paulo) e também o Estado de Goiás e a região do Triângulo Mineiro.

Cabe lembrar que a empresa fazia pouca propaganda, geralmente em almanaques, livros ou jornais comemorativos de datas especiais. Certamente, um fator que contribuía para maior divulgação do filtro, era a localização da loja da “Cerâmica Lamparelli”, situada ao lado da empresa, próxima à estação ferroviária, numa rua com grande fluxo de pessoas, daquele que era um dos maiores e mais importantes municípios do interior do Estado, pelo menos até a década de 1930.

Em 1936, Victor comprou uma área de 27 alqueires, à margem esquerda do Rio Mogi Guaçu. Esta área pertencia à “Fazenda Barrinha”, de café, cujo proprietário, Mário Soares, em virtude da crise cafeeira, vendeu ao empresário suas terras a um preço relativamente baixo e em prestações. Dessa forma, Victor passou a ter uma fonte exclusiva das abundantes jazidas de argila de boa qualidade daquela área. Em 1937, Victor construiu nessa área um rancho e uma olaria de telhas, para utilização própria.

A partir de 1940, a “Cerâmica Lamparelli” começou a passar por dificuldades. A principal causa foi o racionamento de combustível provocado pela II Guerra Mundial, o qual afetou diretamente a distribuição dos produtos da empresa, pois as entregas em domicílio e para outras cidades, feitas pelos caminhões, eram o ponto forte da estratégia de vendas da cerâmica. Ao mesmo tempo, o interesse de Victor pela condução da cerâmica reduziu-se, e a empresa passou a ser administrada pelo seu filho mais velho, Volponi Lamparelli.

A partir do Pós-guerra, com a retomada das vendas, a empresa recuperou-se. No entanto, como não havia interesse nem por parte de Victor nem por parte dos filhos em continuar administrando a cerâmica, decidiu-se pela sua venda.

Assim, em 1947, a “Cerâmica Lamparelli” foi vendida, a prazo, para quatro jovens irmãos da família Stéfani¹⁶. Os irmãos Stéfani deram seqüência à administração da “Lamparelli”: mantiveram na empresa os cerca de 10 funcionários e continuaram com o nome “Cerâmica Lamparelli” por mais alguns anos, somente acrescentando ao nome a expressão “Irmãos de Stéfani”. Os novos proprietários permaneceram no imóvel por mais 11 anos, até 1958, quando se transferiram para um local maior.

Victor ainda continuou a fabricar e a fornecer para os Stéfani, por alguns anos, as velas para o filtro “São João”.

Tabela 2 - Cerâmica Lamparelli: Evolução de acordo com a Estatística Industrial do Estado de São Paulo (1928-1937).

<i>Cerâmica Lamparelli</i>	1929	1930	1931	1932	1934	1936	1937
Capital	100:000\$000	30:000\$000	50:000\$000	50:000\$000	5:000\$000	50:000\$000	50:000\$000
Operários	10	5	6	5	2	5	8
Força Motriz	3 C.E.	3 HP	3 HP	3 HP	2 HP	3 HP	3 HP
Fornos	N/C	N/C	1	2	1	N/C	N/C
Produtos	Manilhas para esgotos	Tubos para esgotos, artigos sanitários, louças de barro.	Manilhas para esgotos.	Louças de barro e manilhas para esgotos	Louças de barro e manilhas para esgotos	Louças de barro simples e vidrado, manilhas, ralos, sifões, curvas, etc.	Manilhas para esgotos

OBS: A empresa não consta na Estatística para os anos de 1928, 1933 e 1935.

Fonte: Estatística Industrial do Estado de São Paulo: diversos anos.

3.3 A difusão do filtro de água

Diversas outras empresas no Estado produziam filtros de água, a partir dos anos 1930. Não é possível estimar com rigor o número exato, pois, na Estatística Industrial do Estado de São Paulo, as empresas produtoras de filtros estavam inseridas na categoria genérica de “louças de barro”, a qual engloba filtros, talhas, boiões, potes, moringas, alguidares, assadeiras e vasos. Assim, uma empresa classificada em “louça de barro” não necessariamente produziria filtros. Em 1928, havia no Estado 9 empresas

¹⁵ De acordo com entrevista com Victor Lamparelli Júnior, por volta de 1929, o filtro “São João” foi destaque numa feira industrial na cidade de São Paulo, por sua vela ter sido capaz de filtrar (reter) o azul de metileno da água.

¹⁶ Dos irmãos, Nilo era bancário, Jayme trabalhava em uma metalúrgica (Carlos Tonanni & Cia Ltda) e Rubens e Mário eram funcionários da Cerâmica “Rosário & Pintos Ltda”, em Jaboticabal.

classificadas como “louça de barro”; em 1930, havia 10; em 1932, havia 12; em 1934, havia 20 e, em 1937, havia 19 empresas¹⁷.

Somente a partir de 1935 a Estatística Industrial informou a produção anual de talhas (com e sem filtro), mas ainda assim sem menção às empresas produtoras.

No caso dos produtores de velas filtrantes, depois de Octavio Teixeira Mendes (Piracicaba), o qual apareceu em 1929, passaram a constar a empresa de Romeu Ranzini, da Capital (entre 1931 e 1936), as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, da Capital (entre 1933 e 1936) e a Francisco Pozzani, de Jundiaí (em 1936 e 1937).

A seguir, uma tabela representativa da produção de velas e de talhas, entre 1931 e 1937:

Tabela 3 - Produção anual de velas filtrantes e de talhas, no Estado de São Paulo (1931-1937), em unidades.

<i>Produto/Ano</i>	<i>1931</i>	<i>1932</i>	<i>1933</i>	<i>1934</i>	<i>1935</i>	<i>1936</i>	<i>1937</i>
<i>Velas</i>	11.338	22.608	50.792	59.060	33.365	44.786	96.326
<i>Talhas (com e sem filtro*)</i>	N/C	N/C	N/C	N/C	45.318	52.961	64.089

* A produção exclusivamente de filtros (com velas) não está desagregada.

Fonte: Estatística Industrial do Estado de São Paulo, diversos anos.

A respeito de outros produtores de filtros de água a partir dos anos 1930, como ilustração, pode-se citar a empresa “Antonio Nogueira & Cia”, fundada em 1935, na Capital, pelo imigrante português Antonio Nogueira. Este teria desenvolvido uma tecnologia para produção de recipientes cerâmicos equipados com velas cerâmicas, juntamente com Roberto Hottinguer, então professor da Escola Politécnica da USP, o qual desenvolvia pesquisa com uso de metais para a esterilização da água. Foi criado assim um novo processo para a purificação doméstica da água, com prata coloidal, processo que foi batizado de Salus¹⁸.

Durante as décadas de 1920, 1930 e 1940, às quais podemos chamar de “período de difusão” do filtro, este produto foi sendo incorporado ao rol das utilidades domésticas que uma residência deveria possuir. Adquiriu-se o hábito de “reservar” ao filtro um lugar de destaque na cozinha das residências, geralmente sobre uma toalha, numa cantoneira ou prateleira, como se fosse um objeto artístico ou de decoração. Contribuía o fato de a maioria dos filtros possuírem desenhos pintados à mão. Dado

¹⁷ Cabe lembrar que essa categoria não engloba as cerâmicas de “louça branca”, que produziam louça sanitária, porcelana, etc.

¹⁸ Guia dos Documentos Históricos na cidade de São Paulo, 1998.

isso, pode-se sugerir que, pelo menos nesse período de difusão do filtro, ele trazia um certo “status” às residências.

Segundo entrevista com Victor Lamparelli Júnior, o público-alvo do filtro “São João” era formado por indivíduos com uma “renda mais alta”. Se o público consumidor da “Cerâmica Lamparelli” fosse ordenado em cinco “classes” de “poder de compra”, poder-se-ia dizer que o filtro “São João” era comprado pelas classes “A” e “B”; as classes “C” e “D” compravam uma talha com torneira ou um “filtro reto”; e a classe “E” comprava um pote ou moringa sem torneira.

Comparando-se dados de quantidade produzida e valor de produção de alguns produtos, constantes na Estatística Industrial do Estado de São Paulo entre 1935 e 1937, pôde-se ter uma idéia do valor relativo do filtro em relação a outros utensílios. Por exemplo, o preço de uma talha (com e sem filtro) representava a metade do preço de um aparelho de jantar completo. Isso ajuda a reforçar a idéia de que o filtro “era caro”. Além disso, como os dados se referem a talhas com e sem filtro (vela), isso contribui para “valorizar” ainda mais o filtro (com vela), que era vendido a um preço maior.

Foi a partir das décadas de 1950 e 1960, às quais podemos chamar de “período de massificação” do filtro, que o produto se tornou um bem de consumo realmente de massa, penetrando em todas as regiões do País, com uma progressiva redução de seu preço relativo. Pode-se assim considerá-lo um produto típico da indústria brasileira de bens de consumo.

É interessante lembrar que o filtro nunca sofreu concorrência de produtos substitutos importados, o que acontecia com outros ramos da indústria nacional, como, por exemplo, chapéus¹⁹ e louças/porcelanas²⁰.

3.4 A aglomeração de empresas produtoras de filtros em Jaboticabal

Depois da “Cerâmica Lamparelli”, outras empresas iniciaram a produção de filtros no município de Jaboticabal. Em 1929, dois imigrantes portugueses fundaram a “Jayme Rosário & Souza. Essa empresa produzia o chamado “filtro reto”, cuja vela tinha formato de disco e era colada com breu entre as duas partes do filtro.

Em 1934, os sócios da empresa se separaram, dando origem a duas outras cerâmicas. A primeira delas, “Cerâmica Santo Antônio”, de João de Oliveira Souza, passou a produzir o filtro “Santo Antônio”. De acordo com a Estatística Industrial, em 1934, esta empresa possuía 3 operários e, em 1937, 10 operários. A segunda empresa,

¹⁹ Ver Suzigan, 2000.

²⁰ Ver Azevedo, 1964.

denominada “Rosário & Pintos Ltda”, lançou o filtro “Redentor”. Ainda de acordo com a Estatística Industrial, esta empresa tinha 4 operários em 1934 e 12 em 1937. Não se pôde precisar quando exatamente essas empresas iniciaram a produção de filtros, mas, segundo entrevistas com os fundadores e seus descendentes, isso ocorreu logo nos primeiros anos de funcionamento das empresas. A argila utilizada como matéria-prima era retirada do Rio Mogi Guaçu²¹.

Em 1949, a Cerâmica “Rosário & Pintos Ltda” foi desmembrada, dando-se origem à “Irmãos Pinto Ltda” (a partir de 1973 “Cerâmica Santa Cruz”).

Em 1952, dois irmãos da família Zeoula, que haviam sido operários da “Cerâmica Santo Antônio”, fundaram a “Cerâmica Nossa Senhora Aparecida”. Segundo entrevista com um dos fundadores²², a idéia para produzir filtros veio por sugestão de um amigo viajante comercial, o qual percebia, nas várias cidades, uma demanda potencial por filtros de Jaboticabal, com “fama” de serem de boa qualidade. Assim, entre 1953 e 1954, a empresa lançou o filtro “São Jorge”, também produzido com argila do Rio Mogi Guaçu.

Embora não se tenha conseguido descobrir, através das entrevistas, por que os filtros levavam esses nomes, deduz-se que era uma tentativa de lembrar e remeter à marca do filtro pioneiro, o “São João”. Aliás, este último não foi patenteado durante o período em que foi produzido pela “Cerâmica Lamparelli”.

O município viveu assim os anos de 1950 e 1960 com cinco empresas produzindo filtros: “Cerâmica Santo Antônio”, “Irmãos Pinto Ltda”, “Cerâmica Nossa Senhora Aparecida”, “Jayme Rosário” e “Cerâmica Stéfani”. Nesse período, as empresas cresceram em tamanho (em escala e em número de funcionários), passaram a atender a mercados em todo o Brasil, e o filtro de água consolidou-se como o “produto símbolo” de Jaboticabal. Em 1970, por exemplo, a “Cerâmica Stéfani”, já a maior produtora de filtros do País, produziu 250.000 filtros, 1 milhão de velas e 520.000 torneiras para filtros.

Uma nova fase da indústria de filtros no município iniciou-se nos anos 1970: muitos trabalhadores destas empresas, detendo as técnicas e habilidades necessárias à atividade, resolveram abrir suas próprias empresas. O resultado foi que, a partir desse período, muitas (pequenas) empresas foram fundadas, todas elas produzindo filtros e atendendo a mercados específicos, principalmente a periferia das grandes cidades.

²¹ Entrevistas com Diva Nosrala de Souza, nora de João de Oliveira Souza (13-03-2003) e Joaquim Fernandes Pinto, um dos fundadores da “Rosário & Pintos Ltda” (19-03-2003).

²² Entrevista com Lúcio Assunpto Zeoula, em 14-03-2003.

Atualmente, existem cerca de 25 empresas. Uma delas é a chamada “Filtros Cristal”, a qual adquiriu o direito de utilizar a marca “Salus”, pertencente à falida “Filtros Salus”, da Capital.

Talvez poucas aglomerações de empresas no Brasil se adaptem tanto às observações de Marshall como a indústria de filtros de água em Jaboticabal. Quando trata das raízes da “indústria localizada” (a concentração de uma indústria especializada em certa localidade), Marshall atribui às condições físicas o papel principal: “... natureza do clima e do solo, a existência de minas e de pedreiras nas proximidades, ou um fácil acesso por terra ou mar” (Marshall, 1982, p. 232).

Existe um consenso entre os fabricantes de filtros de que as propriedades físico-químicas da argila são fundamentais para a qualidade do produto: quanto mais porosa e “pesada” a argila, menos propícia à atividade de olaria (telhas, tijolos) e mais propícia à fabricação de louças, como talhas e filtros, pois ela teria maior capacidade de esfriar a água (ou de mantê-la fresca). Assim, o Vale do Rio Mogi Guaçu teria uma das mais indicadas jazidas de argila do País para a fabricação desse tipo de produto.

Assim, a causa básica para o “sucesso” das empresas pioneiras e para o surgimento de uma concentração de empresas produtoras de filtros em Jaboticabal encontra-se na disponibilidade de matéria-prima (argila), que atraiu imigrantes e ceramistas capacitados a desenvolver esse tipo de produto, como foi o caso da “Cerâmica Lamparelli” e de outras.

Para Marshall, outro fator importante para a concentração de uma indústria em certa localidade seria o patrocínio de uma corte: “O rico contingente lá reunido dá lugar a uma procura para as mercadorias de uma qualidade excepcionalmente alta, e isso atrai operários especializados, vindos de longe, ao mesmo tempo que educa os trabalhadores locais” (Marshall, 1982, p. 232).

Certamente, a proximidade da matéria-prima era uma condição necessária, mas não suficiente para o surgimento da aglomeração, haja vista existirem inúmeros municípios também próximos às fontes de argila que não desenvolveram tal tipo de indústria. Assim, considera-se como causa secundária da concentração de empresas o fato de Jaboticabal “sediar uma corte”, o que equivale a dizer que, nas primeiras décadas do século XX, era um dos maiores municípios do interior do Estado, conforme abordado no item 3.1, o que representava maior mercado consumidor, melhor infraestrutura urbana e maiores possibilidades de sucesso para uma empresa. Além disso, a própria localização do município, no centro de uma região economicamente importante

do Estado, dotada de uma rede de transportes (ferroviário e rodoviário), facilitou a distribuição dos produtos das empresas, ampliando assim os seus mercados.

Ainda de acordo com Marshall, uma vez instalada a “indústria localizada”, ela será estimulada por si mesma, através de vantagens geradas pelas e para as pessoas que seguem a mesma profissão especializada. “Os segredos da profissão deixam de ser segredos, e, por assim dizer, ficam soltos no ar...” (Marshall, 1982, p. 234). Ocorreu exatamente isso em Jaboticabal, haja vista que a grande maioria dos proprietários (tanto das empresas “antigas”, como a “Stéfani”, quanto das “recentes”, a partir dos anos 1970) já havia trabalhado em alguma cerâmica, e conhecia as técnicas necessárias à atividade.

Considerações Finais

Em função da investigação realizada, pode-se concluir que algumas pequenas empresas, localizadas tanto na Capital quanto no interior, foram as responsáveis pelo aparecimento do filtro de água “moderno”, no Estado de São Paulo (e provavelmente no Brasil), a partir da década de 1920. Todas as empresas investigadas (cuja “Cerâmica Lamparelli” é um exemplo clássico) foram fundadas por imigrantes, com pequenos capitais, utilizando-se de matérias-primas locais (argila) e produzindo para mercados locais e regionais.

A crescente urbanização e o aumento da população das cidades trouxeram mudanças nos hábitos de consumo da população. Uma delas foi a maneira de obter-se água potável para consumo doméstico. Em primeiro lugar, a sociedade urbanizada inviabilizava a obtenção de água potável diretamente de rios ou a manutenção de poços. Em segundo lugar, o abastecimento público de água trazia o líquido tratado às residências, mas não se podia bebê-lo. E, em terceiro lugar, os equipamentos de purificação da água existentes até meados dos anos 1920 eram rudimentares, pesados e mesmo ineficientes na função de tornar a água pura para o consumo.

Como conseqüência desses fatores, abriu-se um novo mercado para o “moderno” filtro de água, um produto leve, de menor volume e mais eficiente na purificação da água. Um dos marcos iniciais da disseminação desse produto no interior de São Paulo foi a “Cerâmica Lamparelli”, com o filtro “São João”, comercializado em várias regiões de São Paulo e em outros Estados, nos anos 1920, 1930 e 1940, o qual abriu caminho para outras empresas produtoras de filtros em Jaboticabal e contribuiu para mudanças nos costumes das populações paulistas.

Referências Bibliográficas

ALMANACH do Estado de São Paulo para 1891. São Paulo: Editora Companhia Industrial de São Paulo, 1891.

ALMEIDA, A. **Enciclopédia da História de Jaboticabal**. Vol I. Período Imperial. Jaboticabal, s/n, 1997.

AMBONI, N. **O Caso CECRISA S.A.:** uma aprendizagem que deu certo. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Florianópolis, 1997.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE CERÂMICA. São Paulo: Associação Brasileira de Cerâmica, diversos anos.

AZEVEDO, F. de S. V. de. Os primórdios da indústria cerâmica em São Paulo. **Revista Cerâmica**. São Paulo, Vol. X, Ano X, n. 40, p. 25-33, 1964.

BRANCANTE, M. H. Cerâmica no Brasil antigo. **Revista do Instituto Hist. Geog. Guarujá-Bertioga**, Ano I, número 02, p. 45-62, 1970.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

GUIA dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554/1954. São Paulo: Hucitec, 1998.

HEMMING, J. Os índios do Brasil em 1500. In: Bethell, L. (org). **História da América Latina: A América Latina Colonial I**, volume 1. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília/DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998.

LAPRI, R. **O Estado de São Paulo e o Centenário da Independência**. São Paulo: s/n, 1922.

LUNÉ, A. J. B. de & FONSECA, P. D. da (orgs). **Almanak da Província de São Paulo para 1873**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1985.

MARSHALL, A. **Princípios de Economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MELLO, Z. M. C. de & SAES, F. A. M. de. Características dos Núcleos Urbanos em São Paulo. **Estudos econômicos**. São Paulo, 15(2), p. 307-337, maio/ago 1985.

MILLIET, S. **Roteiro do café**. Análise histórico-demográfica da expansão cafeeira no estado de São Paulo: São Paulo, s/n, 1938.

NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880- 1990)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PALLESTRINI, L. A Cerâmica pré-histórica no estado de São Paulo. **Revista Cerâmica**. São Paulo, v. 29, n.159, p. 71-74, 1983.

PITO, J. G. A arte cerâmica em Jaboticabal. **Revista da Faculdade de Educação São Luís**. Jaboticabal, v. 3, n.1, p.102-105, maio 2000.

PIZA, M. **Os municípios do estado de S. Paulo**: informações interessantes. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas/Departamento Estadual do Trabalho/Serviço de Publicações, 1924.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. 24ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

RESENDE, M. A. P de. **A indústria cerâmica**: estudo de caso no Município de Tambaú-SP. Dissertação (Mestrado em Geociências), Unicamp, Instituto de Geociências, Campinas, 1998.

SÃO PAULO, Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio do Estado de São Paulo; Directoria de Estatística, Indústria e Commercio; secção de Indústrias. **Estatística Industrial do Estado de São Paulo (1928-1937)**. 10 v., São Paulo: Garraux/Siqueira/Freire & Cia, 1930/1939.

SUZIGAN, W. **Indústria Brasileira**: origem e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, Ed. da Unicamp, 2000.

THORMAN, C. (org). **Completo Almanak administrativo, comercial e profissional do Estado de São Paulo para 1895**. São Paulo: Editora Companhia Industrial de São Paulo, 1895.

Fontes

Arquivo da Prefeitura de Jaboticabal-SP

- Lançamentos do imposto de indústria e profissões da Câmara Municipal de Jaboticabal, para os anos de 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1927, 1928 e 1929.
- Relatório do Exercício Financeiro da Prefeitura de Jaboticabal, 1931.

Arquivo do Museu Histórico de Jaboticabal-SP

Jornal “Diário de Jaboticabal”, 05-10-1938 a 08-02-1939.

Entrevistas

João Gonçalves Pito – Jaboticabal, 08-01-2003.

Victor Lamparelli Júnior – Jaboticabal, 09-01-2003.

Mario Antonio Stéfani – Jaboticabal, 17-01-2003.

Diva Nosrala de Souza – Jaboticabal, 13-03-2003.

Lúcio Assunpto Zeoula – Jaboticabal, 14-03-2003.

Joaquim Fernandes Pinto – Jaboticabal, 19-03-2003.